



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

HISTÓRIAS NO *YOUTUBE*: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

HISTORIES ON YOUTUBE: PUBLIC HISTORY AND DIDACTICS OF HISTORY IN VIDEO LESSONS ABOUT THE CONQUEST OF AMERICA IN THE 15TH AND 16TH CENTURIES.

HISTORIAS EN YOUTUBE: HISTORIA PÚBLICA Y DIDÁTICA DE LA HISTORIA EM VIDEOCLASES SOBRE LA CONQUISTA DE AMÉRICA EM LOS SIGLOS XV Y XVI

64

Artigo recebido em: 08/08/2022
Artigo aceito em: 02/02/2023

Antonio Gustavo Vasconcelos Rodrigues¹

Gleidiane de Sousa Ferreira² orcid.org/0000-0002-2529-7993

Resumo

Este trabalho tem como objetivo entender como o processo de conquista da América espanhola (séculos XV e XVI) foi apresentado e discutido em dois grandes canais de ensino de História dentro da plataforma de vídeos *YouTube* Brasil. Para entendermos tal problemática, analisamos duas videoaulas de grande visualização e engajamento sobre o tema, nos utilizando de discussões que transitam entre História Pública, Didática da História e História da América, examinando aspectos técnicos e teóricos dessas produções. Dessa maneira, buscamos com este trabalho discutir sobre novas maneiras de enxergar e pensar o conhecimento histórico no tempo presente e argumentar que mais do que reproduzir o conhecimento acadêmico, esses espaços permitem a produção de outras reflexões e conhecimentos históricos, assim como, interações recíprocas entre o/a professor/a - historiador/a e comunidades não acadêmicas.

Palavras-chave: Conquista da América. História Pública. Didática da História. *YouTube*.

Abstract

This article aims to discuss how the process of Spanish America's Conquest (15th and 16th centuries) was presented and taught in two major History teaching channels within the YouTube Brazil video platform. To understand this problem, we analyzed two videos lessons of great

¹ Estudante do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Sobral - Ceará. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET História - UVA e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa História, Gênero e América Latina - GEHGAL

² Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Sobral - Ceará, e coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa História, Gênero e América Latina - GEHGAL.

HISTÓRIAS NO *YOUTUBE*: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

viewing and engagement on the subject, using discussions that transit between Didactics of History, Public History and History of America. In this way, we seek with this work think about new ways of see and think the historical knowledge in the present time and discuss that more than reproducing academic knowledge, these places can be spaces of the production to make other reflections and historical knowledge with reciprocal interactions between the professor - historian and the non-community academic.

Keywords: Conquest of America. Public History. Didactics of History. YouTube.

65

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender cómo el proceso de conquista de Hispanoamérica (siglos XV y XVI) fue presentado y discutido en dos importantes canales de enseñanza de Historia dentro de la plataforma de videos *YouTube* Brasil. Para comprender este problema, analizamos dos clases de video de gran visualización y interacción digital sobre el tema, utilizando discusiones que transitan entre la Historia Pública, la Didáctica de la Historia y la Historia de América, examinando aspectos técnicos y teóricos de estas producciones. De esta forma, buscamos con este trabajo discutir nuevas formas de ver y pensar el saber histórico en la actualidad y argumentar que más que reproducir saberes académicos, estos espacios permiten la producción de otras reflexiones y saberes históricos, así como interacciones recíprocas entre el docente-historiador y las comunidades no académicas.

Palabras clave: Conquista de América. Historia Pública. Didáctica de la Historia. *Youtube*.

INTRODUÇÃO

YouTube, Spotify, Facebook, Instagram, TVs, Revistas online. Estamos na Era da informação, mas essa informação não necessariamente gera conhecimento. Para encontrarmos informações sobre qualquer tema, basta darmos “um *google*”, e então ficamos diante de um mundo de assuntos de qualquer categoria. Vivemos uma nova Era, um novo jeito de se comunicar e de se informar; os livros deixaram de ser os principais veículos de circulação do conhecimento e da informação (LEVI, 2014). Mas, nosso objetivo aqui não é pensar o conhecimento de maneira geral, e sim um específico, o histórico, mediado por plataformas digitais como o *YouTube*. Nesse sentido, a partir da argumentação anterior podemos nos perguntar: Como a ciência histórica tem lidado com essas novas maneiras de circulação do conhecimento e da informação? A academia tem apresentado um diálogo significativo com a sociedade no geral ou ainda fala principalmente para e entre pares?

É a partir dessas questões que podemos traçar os objetivos deste trabalho: entender, de

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

forma analítica, como a História, têm sido, apresentada em espaços de comunicação digital, especialmente a plataforma de vídeos *YouTube*, uma das mais populares da categoria de audiovisuais. Além disso, buscamos problematizar como a História tem sido feita para³ (ou com) o grande público. Para tal realização, iremos analisar dois vídeos de História, de grande audiência no *YouTube*, sobre um importante tema do ensino de História americana: o processo de conquista colonial espanhola nos séculos XV e XVI. A primeira produção que analisaremos é denominada *História Geral: América Espanhola*, do professor Pedro Rennó⁴, organizador do canal *Parabólica*. E o segundo vídeo será *História dos Astecas e chegada dos Espanhóis na América - Contado do México (Débora Aladim)*, construído pela professora Débora Aladim⁵.

As escolhas mencionadas anteriormente não aconteceram por acaso. Como indicado anteriormente, elegemos tais vídeos por serem os mais visualizados dentro da área, ou seja, são produções que chegaram a um grande número de pessoas, algumas delas, inclusive, potencialmente distantes da interlocução disciplinar, isto é, da docência e da pesquisa em História. Diferentemente de um trabalho acadêmico que é lido principalmente pelos pares e por um público estudioso, como estudantes do ensino básico, as produções em plataformas digitais têm o potencial de chegar a uma audiência mais ampla e diversificada, e precisamente por isso, mais difíceis de mapear e acompanhar suas apropriações. De todo modo, o certo é que a construção de conhecimento e de divulgação [debate público de cunho histórico] a partir desses cada vez mais importantes recursos de comunicação nos apresenta significativos desafios e responsabilidades, especialmente no que se refere a formas e estratégias de difusão, pois sabemos da necessidade de pensar novos caminhos para o debate histórico que possibilitem uma maior e melhor inserção social de suas reflexões; principalmente em um contexto de fortalecimento de discursos negacionistas e desqualificadores da ciência.

³ Ao decorrer do texto o/a leitor/a irá perceber que alguns termos e conceitos reforçam a ideia de que a História Pública é uma via de mão dupla, sempre feita por nós, acadêmicos, para eles e elas, não acadêmicos. No caso mencionado não estamos adotando tal posição, e devemos saber que dentro desta categoria de História “para” o público não estamos enxergando esse processo como transferência passiva do conhecimento científico para públicos não especialistas.

⁴ Graduado em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá, e especialista em História da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Ver em: <http://lattes.cnpq.br/8150424645076419>.

⁵ Aladim é licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Segundo seu currículo *lattes*; para ver mais acesse: <http://lattes.cnpq.br/0009281969380209>.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Dessa maneira, iremos construir um trabalho que pensa a difusão do conhecimento histórico dentro do *YouTube* a partir dos vídeos mencionados, isto é, a partir de uma seleção que obedece a critérios temáticos - o processo de conquista da América espanhola - e de difusão - são os vídeos com mais visualizações na plataforma onde estão hospedados. Para isso, trataremos das relações entre História Pública e Didática da História a partir do que é apresentado pelo professor e pela professora que conduzem os vídeos analisados, e também, dialogaremos com alguns textos centrais para pensar esse processo de conquista na América hispânica.

A organização do texto será feita da seguinte maneira. A princípio, construiremos alguns debates de cunho historiográfico, onde entenderemos como surge o que chamamos anteriormente de História Pública, passando também pelas principais reflexões que circundam o tema, como o surgimento da área enquanto prática de pesquisa organizada, indo desde uma perspectiva internacional até a organização da História Pública no Brasil. Em seguida, iremos descobrir por que colocamos este trabalho dentro da categoria Didática da História e não Ensino de História. Posteriormente, já com algumas reflexões teóricas maturadas, entramos no coração do texto, que será a análise que construiremos acerca do conteúdo dos vídeos mencionados, começando pela produção do professor Rennó, e em seguida, da professora Aladim. É interessante mencionarmos que no momento desta escrita, iremos estabelecer interlocuções tanto entre as duas produções, como com algumas obras de referência sobre a conquista da América hispânica.

HISTÓRIA PÚBLICA: SENTIDOS, CONCEITOS E APONTAMENTOS

Nesta parte do artigo iremos entender como a História Pública se tornou um campo de prática e pesquisa organizado. Para isso, adotaremos a seguinte organização. Primeiro construiremos um debate de cunho conceitual⁶, onde entenderemos qual a definição de História

⁶ Atualmente é bastante comum que a historiografia tome conceito científico como sinônimo de categoria de análise, partindo das ideias expostas por José D'Assunção. Outros autores, principalmente da História dos Conceitos, como Koselleck (2006), costumam pensar conceitos como fontes históricas, são os casos de conceitos sociais, políticos e culturais de determinado **HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI**

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Pública e seus principais significados de acordo com diferentes autores, assim como a ao mesmo passo, que com esta discussão também teceremos um diálogo histórico acerca do tema.

Existem muitas hipóteses a respeito do surgimento da História Pública no cenário mundial. Lucchesi e Carvalho (2016) apontam que o campo se construiu a partir da necessidade de ampliação do campo profissional do/a historiador/a para além da pesquisa e do ensino formal, como em museus, empresas, jornais e televisões ou até mesmo em espaços de cunho privado, como o foi nos Estados Unidos, onde o termo *Public History* [História Pública] passa a ser empregado por Richard Kelly a partir de 1970, dentro da Universidade da Califórnia. Foi o mesmo autor que criou a revista *The Public Historian*⁷, que continua como referência no campo até os dias de hoje (LUCCHESI; CARVALHO, 2016). Kelly conceitua *Public History* da seguinte maneira: “o trabalho de historiadores e do método histórico fora da academia: no governo, nas empresas, nos meios de comunicação, nas sociedades históricas, museus e até mesmo em espaços particulares.” (*Apud op. cit.*, p. 150).

No entanto, com o passar do tempo e o avanço dos estudos na área, podemos perceber que a definição de Richard Kelly, apesar de seu pioneirismo na área e suas contribuições, já se encontra ultrapassada. Se outrora o autor a definiu apenas como o trabalho do historiador e o uso do método fora dos muros acadêmicos, hoje sabemos que construir e pensar sobre História Pública é bem mais complexo e plural que isso, haja vista que a definição de Kelly ainda apresentava uma relação hierárquica muito forte com relação ao saber acadêmico sobre as demais formas de produção de conhecimento histórico. É então que surgem teóricos que propõem um novo modelo de História Pública, que preza pelo diálogo com a sociedade de maneira geral e que visa desconstruir uma visão limitante do saber acadêmico como superior aos demais saberes elaborados na sociedade, isto é, como uma via de mão única. Devemos deixar claro que não estamos negando o fato de que a ciência histórica, por meio de seus métodos e teorias, possui importante e necessária centralidade no entendimento e

espaço e tempo histórico. Para evitarmos qualquer desentendimento entre nós e o leitor/a, deixamos claro que estamos usando o termo “conceito” como categoria de análise. Então quando pensamos o surgimento do conceito de História Pública, estamos pensando este como uma maneira teórica e metodológica de pensar determinado objeto histórico.

⁷ O site da revista pode ser acessado neste endereço: <https://online.ucpress.edu/tph>

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

sistematização dos estudos históricos, no entanto, o que queremos dizer é que não podemos entender tal saber como o único válido e tampouco o debate acadêmico como único possível.

É pensando nisso que o historiador norte americano Michael Frisch (2016), referência na área, cria o conceito de *Shared Authority* [Autoridade compartilhada], que seria um espaço de construção do conhecimento histórico, em que a autoridade é por essência, compartilhada. Ou seja, acadêmicos e não acadêmicos, com auxílio da História Oral, participam da construção da história sem hierarquização de saberes (FRISCH, 2016). O autor pensa esse conceito dentro de uma relação direta entre História Oral e História Pública, sobretudo defendendo a ideia de que em uma entrevista o entrevistador e o entrevistado são coautores da história ali produzida.

Frisch (2016) desenvolve o significado de autoridade compartilhada como uma inquietação com relação ao fato de que a grande maioria das experiências de História Pública, estavam e em certa medida ainda estão sendo pensadas dentro de uma relação unilateral, no sentido de que a História seria a produtora do conhecimento histórico, enquanto os demais públicos não especialistas seriam meros consumidores. A ideia é que possamos construir conhecimentos históricos com outras autoridades, além da acadêmica. Poderíamos citar como exemplo a construção de debates comunitários acerca da História de uma comunidade, de um bairro ou grupo social em que além de historiadores de formação também seriam chamados líderes e memorialistas que possuam autoridade no assunto. Então, se estamos pensando em construir um documentário audiovisual sobre as comunidades femininas indígenas no Ceará não chamaríamos apenas estudiosos do assunto para apresentar suas pesquisas sobre o tema, mas também os próprios sujeitos que vivem essa experiência, a fim de que possam construir uma discussão conjunta com os historiadores sobre o tema mencionado. A ideia principal é que diferentes autoridades possam discutir com a autoridade científica, a fim de que possamos construir um conhecimento histórico que seja mais democrático e engajado com a sociedade que o cerca.

A partir dessas definições iniciais sobre História Pública podemos observar que alguns elementos importantes estão em debate na nossa ciência: a capacidade de democratizar a autoridade e a legitimidade do discurso histórico; e como isso, de alguma forma, pode criar

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

outras formas de comunicação, de inserção social e de espaços de mediação, demandando, portanto, uma capacidade de reflexão complexa e profícua sobre as noções de verdade e autoridade que praticamos.

A partir dessas reflexões teóricas iniciais, que nos convidam a desconstruir significados limitados de História Pública, que se restringiram a vê-la apenas como uma forma de história para além da universidade, iremos tratar da construção e da organização da História Pública enquanto prática e área de estudo. Por isso, trazemos algumas definições e reflexões do historiador Santhiago (2016) para entendermos melhor o assunto:

70

[...] quero mencionar que penso a história pública como uma área de estudo e ação com quatro engajamentos fundamentais, passíveis de entrecruzamento: **a história feita para o público (que prioriza a ampliação de audiências)**; a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de ‘autoridade compartilhada’ é central); a história feita *pelo* público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e *história e público* (que abarcaria a reflexividade e auto reflexividade do campo). (SANTHIAGO, 2016, p. 28, grifos nossos).

Dentre tais categorias do conhecimento histórico, o Brasil possui uma tradição estabelecida do que chamamos de “divulgação científica”, a qual se encaixa em história feita *para* o público. E que não por acaso será o caso dos vídeos que analisaremos posteriormente. Ademais, devemos pensar alguns problemas sobre a denominação “divulgação científica”. Mesmo reconhecendo indiscutivelmente a importância de se popularizar os avanços da ciência, refletimos que suas estratégias de comunicação podem denotar ainda uma determinada hierarquização do saber acadêmico, supondo a ideia de que este será apenas traduzido, comunicado de maneira pura e passiva ao público não especialista. Como falamos anteriormente, devemos entender que o conhecimento científico é mais eficiente em entender a realidade e sistematizá-la, uma vez que utilizamos técnicas, métodos e estruturas que nos possibilitam este feito. No entanto, acreditar na eficácia do conhecimento científico não pode resultar na exclusão ou no apagamento de diversos outros saberes, como os populares ou os produzidos por pares que não atuam na academia, e também na adoção de uma postura de impermeabilidade em relação às demandas e reformulações desses conhecimentos na vida

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

social. Outro fator que podemos refletir é a pressuposição da academia como único *locus* de produção de conhecimento, reforçando uma dicotomia que traz o/a professor/a - pesquisador/a universitário/a como alguém reconhecido, que produz pesquisa (e saber), enquanto que graduados/as ou/e professores/as do ensino básico apenas comunicam e replicam aquilo produzido pelos/as acadêmicos/as.

Quando questionamos de maneira sistematizada a tese anterior, percebemos que suas bases não são fortes o suficiente para se manterem de pé. Podemos começar pelas seguintes perguntas: o processo de “divulgação científica”, por exemplo, no contexto escolar, não envolve também um processo de pesquisa? Isto é, toda a construção do/a professor/a que estuda determinado tema, que constrói recortes, que escolhe um assunto em detrimento de outro, bem como formas de comunicá-lo, não é resultado também de um processo de investigação? Isso, por si só, já seria suficiente para percebermos que o processo de “divulgação científica” não se trata apenas de uma “tradução” neutra do saber acadêmico, mas sim, a construção de um novo saber histórico escolar, que envolve tanto a subjetividade, como a oralidade (como é o caso dos audiovisuais) daquele que comunica, e, também, uma linguagem própria do ambiente em que esse profissional está inserido, no caso de nossa pesquisa, a plataforma de vídeos *YouTube* Brasil. Os/as professores/as e comunicadores/as que atuam nesses espaços realizam pesquisas, adequam sua linguagem, buscam estratégias de atenção e engajamento, interagem com seu público, explicitam escolhas, enfoques e ênfases a respeito dos mais diversos temas e recortes. Nesse contexto, o conhecimento acadêmico é apenas um dos pilares que compõem uma estrutura composta por muitos outros elementos. É exatamente essa interação, e as dinâmicas que dela resultam, que são frutíferas para nossa reflexão.

Dessa maneira, podemos entender História Pública tanto como uma área da História - em que determinados/as pesquisadores/as se organizam para pesquisar sobre um assunto - como uma prática, um ambiente de trabalho onde os/as historiadores/as podem construir conhecimento histórico em diálogo, ou podem apresentar suas pesquisas para um público mais extenso que seus pares. Além disso, também temos a possibilidade da construção de uma história que não é feita por historiadores/as, mas sim pela comunidade em geral. Acreditamos

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

que esta se encontra, em muitos casos, integrada ao campo da *Memória* do que da História, e ainda assim, a partir das definições compartilhadas aqui de História Pública, também deve fazer parte das reflexões do conhecimento histórico, a exemplo das profícuas e importantes articulações entre História e Memória realizadas no campo da História Oral.

Por fim, podemos entender que a História Pública é um campo extremamente plural e que não cabe dentro das definições que a limitam apenas como “história fora da academia” ou como estratégias de “divulgação científica”, mas sim, trata-se de um conjunto de debates capazes de pensar novas estratégias de produção, inserção, mediação, reelaboração, significação e comunicação do conhecimento histórico.

72

A HISTÓRIA PÚBLICA NO BRASIL E NO MUNDO

Como vimos anteriormente com Lucchesi e Carvalho (2016), o termo *Public History* foi utilizado a primeira vez nos Estados Unidos, por Richard Kelly, na década de 1970. Outros historiadores estadunidenses deram continuidade ao trabalho do professor, como é o caso de Michael Frish. Nesse país, ainda tivemos o surgimento da revista, também já mencionada, *The Public Historian*, publicada pelo *National Council on Public History* e que organiza seminários nacionais sobre o assunto. Tais fatos fizeram dos Estados Unidos um dos principais centros de estudo e prática em História Pública no cenário mundial, mas o que não significa que a História Pública esteja consolidada internacionalmente, trata-se de um esforço que algumas instituições e pesquisadores de diversos países estão realizando, como veremos posteriormente, mas um trabalho ainda em construção. Também é verdade que encontramos na Austrália centros de Universidades que acabaram ganhando destaque na área, como *Australian Centre for Public History*⁸, situação diferente da do Canadá e da Inglaterra, que ainda apresentam grandes desafios no que diz respeito à consolidação nacional da área (SANTHIAGO, 2016).

Na nossa pesquisa, encontramos também a existência da *International Federation for Public History*⁹, que tem como objetivo estimular a prática e o debate acadêmico em História

⁸ Mais informações sobre o centro de pesquisa podem ser encontradas aqui: <https://www.uts.edu.au/research-and-teaching/our-research/australian-centre-public-history/about-acph/about-centre>

⁹ A página oficial da federação pode ser acessada aqui: <https://ifph.hypotheses.org/>

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Pública no mundo, o que reforça a busca pelo desenvolvimento de articulações internacionais nesse campo. Na sua página oficial, temos acesso a uma série de instituições que compõem a federação em diferentes países, inclusive na América Latina. A *Universidad de los Andes*, em Bogotá, Colômbia, foi sede da terceira conferência da federação em 2016, que contou com a participação de diferentes comunicações realizados por pesquisadoras/es de vários países latino-americanos¹⁰. Além dessa experiência, encontramos também o *Laboratorio de Historia Pública (LabHisPub)*¹¹ da Universidad Torcuato Di Tella, em Buenos Aires, Argentina, que se soma aos propósitos de estimular esses debates.

Podemos apostar, ademais, que o Brasil tem sido um lugar promissor no que diz respeito aos estudos e às práticas nesse campo no contexto latino-americano. No país, podemos delinear o surgimento da História Pública como prática organizada a partir de 2011, com o *Curso de Introdução à História Pública* realizado na Universidade de São Paulo - USP, que contou com a presença de acadêmicos e não acadêmicos, como nos apresenta Santhiago (2016), e deu origem ao livro *Introdução à História Pública* (2011) organizado por Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai. Em 2012, ainda na USP, foi realizado o 1º *Simpósio Internacional de História Pública*, que teve como tema *A História e seus públicos*, impulsionando a criação da *Rede Brasileira de História Pública*, e favorecendo a realização, já em 2014, do 2º *Simpósio Internacional de História Pública*, na Universidade Federal Fluminense - UFF. No momento, já foram quatro simpósios organizados pela Rede, sendo o último em 2018. Além dos encontros, localizamos a existência de outros espaços de reflexão, como o *Portal de História Pública*, organizado pelo *Laboratório de História Pública (Lapis)* da Universidade Federal de Santa Catarina e o *Laboratório de História Pública - Mais História, por favor!*, da Universidade Federal de Santa Maria. Ainda na região sul do país podemos encontrar o programa de pós-graduação em História Pública, da Universidade Estadual do Paraná, que oferece o curso de mestrado nesse campo.¹²

Mapeando essas iniciativas, percebemos que o Brasil caminha de maneira significativa

¹⁰ Para conferir a programação completa da conferência, acessar: <https://ifph.hypotheses.org/1056>

¹¹ Sobre a fundação do laboratório em 2017, ver: https://www.utdt.edu/ver_contenido.php?id_contenido=15440&id_item_menu=26286.

¹² Para saber mais sobre o programa de pós-graduação mencionado: <https://ppghp.unespar.edu.br/>.

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

no que diz respeito às práticas organizadas de História Pública, mesmo que essas iniciativas ainda estejam concentradas no Sudeste e Sul do país, especificamente, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Portanto, encontramos disparidades regionais na organização do campo, e entendemos que essa é uma questão que precisa ser discutida com celeridade, principalmente se quisermos pensar na construção de um movimento plural e dinâmico para a reflexão e a prática de História Pública no Brasil e que possa ter inserção no espaço internacional. De todo modo, é possível dizer que a História Pública ganha visibilidade e se espraia em diferentes espaços no contexto atual, e é a partir desse entendimento que buscamos observar o objeto e o tema de estudo deste artigo.

ARTICULANDO HISTÓRIA DA AMÉRICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA: A CONQUISTA ESPANHOLA NO *YOUTUBE*

Com o objetivo de pensar as videoaulas selecionadas para a análise no artigo, trataremos rapidamente, algumas reflexões sobre Didática da História. Para isso, se faz necessário que possamos entender como funciona o que denominamos por Didática da História. De acordo com Fernando Cerri (2011), podemos entendê-la como uma disciplina específica que tem como objetivo analisar os diferentes usos e representações da História dentro dos mais diversos meios de comunicação e espaços sociais. O mesmo argumenta que:

Diante disso, a didática da história também se distingue de uma disciplina científica do ensino (cujo resultado é um conjunto de método e técnicas que permitem transmitir um dado conhecimento de quem o tem para quem é privado dele), e passa cada vez mais a caracterizar-se como uma disciplina que estuda a *aprendizagem histórica*. **Como essa aprendizagem histórica ultrapassa em muito a sala de aula de história e mesmo a escola, a didática da história acaba assumindo a produção, circulação e utilização social de conhecimentos históricos como seu objeto de estudo**, e ao ser realizada por historiadores esse estudo não se encaixa em nenhum dos campos da historiografia (porque não é, por exemplo, história da educação, embora dialogue com ela), mas sim no campo da teoria da história. [...]. Nesse espaço epistemológico tem condições de permitir que todos os estudos históricos, e não apenas aqueles pensados para e a partir da escola, sejam submetidos sobre uma reflexão didática, ou seja, a uma reflexão sobre o que é ensinado (estudando currículos, programas e manuais, mas também séries de televisões, filmes, revistas de história em quadrinhos, etc.). (CERRI, 2011, p. 51-52, grifos nossos).

HISTÓRIAS NO *YOUTUBE*: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

A partir disso, podemos perceber que a disciplina é bem mais ampla do que conhecemos como Ensino de História, que estaria inserida dentro de um campo mais formal e restrito ao espaço da sala de aula. Por isso, podemos dizer que o Ensino de História não é a Didática da História como um todo, mas sim uma parte dela. Assim sendo, podemos esclarecer o porquê da relação estabelecida neste trabalho entre História Pública e Didática da História, pois, se a Didática é responsável por construir análises sobre os usos e sentidos da história em diferentes linguagens e meios de comunicação, entendemos que ela proporciona subsídios e embasamentos importantes para o exame de produções históricas veiculadas, por exemplo, no *YouTube*. Como indicado anteriormente, nosso objetivo é pensar de que forma algumas relações entre História Pública e Didática da História se articulam em conteúdos situados na área da História da América, neste caso, especificamente a conquista colonial hispânica. Algumas perguntas nos serviram de orientação inicial: Quais os principais sujeitos e grupos sociais são apresentados dentro do processo de Conquista da América? Como esses sujeitos são abordados? Temos, dentro das aulas analisadas, uma História que pensa objetos mais específicos, como a história das mulheres e das diversidades étnicas que compuseram o contexto da conquista? Os (as) docentes aqui discutidos constroem uma relação entre passado e presente que possa ajudar seus espectadores a entender a América Latina contemporânea, assim como as configurações políticas, culturais e sociais das minorias latino-americanas? Quais os principais recursos utilizados para discorrer sobre o tema, são eles visuais, linguísticos e/ou orais?

A partir dessa explicitação teórica e metodológica que norteia nosso trabalho, passemos então para a análise dos vídeos. Primeiramente, analisaremos o vídeo do professor Pedro Rennó, refletindo os seguintes pontos: composição do cenário; metodologia empregada na construção e edição do vídeo; uso ou não de recursos materiais, como imagens, áudios/sons, outros vídeos, etc.; bibliografia e abordagem; proposição ou não de reflexão/crítica histórica. A partir dos mesmos elementos examinaremos o vídeo da professora Débora Aladim. Após a discussão dos dois vídeos estabeleceremos comparações entre as duas produções, tentando perceber a diversidade de ideias, metodologias e enfoques, e a partir disso, discutir e

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

contextualizar a construção do pensamento histórico oferecido por esses professores. Reforçamos que as escolhas dos vídeos se deram a partir de dois critérios principais, o primeiro é temático – abordar a conquista da América hispânica nos séculos XV e XVI - e outro, numérico – analisar os dois vídeos com o maior número de visualizações no *Youtube* Brasil.

O vídeo do professor Rennó tem um número de 232 mil visualizações¹³, sendo o mais assistido sobre o tema, e que, presumivelmente pode ter alcançado um maior número de pessoas. Em número de visualizações, a videoaula foi seguida pela de Aladim, com cerca de 200 mil visualizações¹⁴.

Iniciaremos a análise indicando alguns aspectos descritivos. Na videoaula feita por Rennó, encontramos um trabalho com duração de 24 minutos e 50 segundos, dispondo na sua descrição¹⁵ o seguinte texto: “Entenda como foi a colonização da Espanha na América, para o Exame Nacional De Ensino Médio (ENEM)¹⁶ e demais vestibulares” (RENNÓ, 2018). A partir disso, podemos saber o público para o qual o autor direciona sua fala: são, principalmente, estudantes do ensino médio ou discentes que estão estudando para ingressar no ensino superior e que já concluíram o ensino básico, os/as chamados/as pré-vestibulandos/as, que irão passar pelas provas mencionadas na própria descrição, como o ENEM e demais vestibulares, que são as principais formas de ingresso no ensino superior público e privado brasileiro. Nesse sentido, podemos perceber que o professor está dissertando para um grupo não especialista, e sim, estudioso de História, e por isso, necessita de uma linguagem mais acessível, menos acadêmica. A questão da linguagem é importante, considerando que proporcionar mais fácil entendimento para leigos/as é também se aproximar de um dos objetivos políticos da História Pública.

Outro fator importante para situarmos a produção analisada trata-se da maneira como os canais na plataforma, como o *Parabólica*, que é administrado pelo professor, se mantém financeiramente. Para isto, as reflexões metodológicas feitas no trabalho de Queiroga Júnior

¹³ Ver videoaula completa em: <https://youtu.be/mh8xlyNFPCI>.

¹⁴ Ver videoaula completa em: https://youtu.be/Wk0_iydV5qo.

¹⁵ Por “descrição do vídeo” podemos entender o espaço reservado para um breve texto que possa descrever o vídeo. Geralmente é nesse espaço onde são colocadas algumas considerações acerca da produção.

¹⁶ O Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) trata-se de uma prova em âmbito nacional realizada anualmente no Brasil como forma de ingresso em instituições de ensino superior públicas e privadas. Ver mais em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>.

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

(2018) nos ajudaram bastante no sentido de entender o lugar destes financiamentos digitais dentro da plataforma. Nesse sentido, devemos saber que o *YouTube* gera uma receita para aqueles/as que são produtores de conteúdo, como é o caso do educador mencionado. Essa monetização depende diretamente da interação do público com o conteúdo, como o número de *likes*, comentários e o mais importante, de visualizações. Ou seja, para gerar uma receita o professor necessita da aprovação daquele/a que o assiste via número de visualizações, e se os/as ouvintes não gostam do conteúdo produzido, este profissional pode ser facilmente descartado. Isto pode ser visto como um grande desafio para o ofício do/a historiador/a-professor/a que pretende trabalhar em plataformas digitais como o *YouTube*. A plataforma não estabelece um vínculo trabalhista com o profissional de maneira que possa assegurar direitos mais sólidos, como no caso de uma docência escolar mediada por contrato ou concurso público, isto é, se o profissional não produz, ele não é monetizado. A partir disso, já podemos fazer algumas indagações: como esses/as professores/as poderão agir em situações adversas, como o caso de um possível problema de saúde, necessidade de um período maior de descanso como as férias, ou carga horária de trabalho abusiva? Quanto a isso, Queiroga Júnior, em seu Trabalho de Conclusão de Curso em História, nos oferece reflexões pertinentes. Vejamos:

Essa lógica avaliativa dos canais de ‘professores-youtubers’ se dá realmente de forma invertida ao que ocorre no contexto escolar, pois é o público (os estudantes consumidores) que avaliam os professores, o que gera receita para os canais e, consequentemente, para os docentes. Porém, isso precariza o trabalho desses profissionais, pois o professor se transforma em um prestador de serviços refém de Likes. Assim, na medida em que não atenda aos interesses de seus seguidores, ele pode ser facilmente descartado. (QUEIROGA JÚNIOR, 2018, p. 12).

Em nossa ótica, corroborando as reflexões de Queiroga, além dos problemas já expostos, percebemos que tal lógica neoliberal - trabalhador/a autônomo/a, sem vínculos formais ou segurança dos direitos trabalhistas - pode também afetar a qualidade científica, política e ética do trabalho docente, uma vez que a/o professor/a estará refém de seus/suas ouvintes, possivelmente evitando debates mais “polêmicos” ou ideias críticas, que muitas vezes acabam repercutindo de maneira negativa entre o público não especialista. Ou seja, a/o

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

professor/a que atua nessas plataformas tem dificuldades que são comuns aos/às que estão em ambiente escolar, mas também específicas, moduladas por uma condição financeira ainda mais incerta, vivenciando maior exposição e atravessado por gestões de conteúdo como são os algoritmos.

No entanto, nos últimos anos foram criadas maneiras alternativas de financiamento, como é o caso do “*Apoia-se*”, o qual o canal do professor Rennó faz parte. Trata-se de uma maneira de financiamento coletivo, muito utilizada por pequenos produtores de conteúdo na internet, em que uma pessoa física pode contribuir de maneira mensal com um valor determinado por ela mesma, e que irá custear o trabalho de tais produtores/as. Esta maneira de sustentabilidade dos canais pode ser vista como uma alternativa que os/as produtores/as encontraram de reduzir a dependência com relação ao algoritmo do *YouTube*, isto é, não depender tanto do número de curtidas e visualizações estabelecidas pela plataforma. Obviamente, ainda não pode ser vista como uma forma segura de relação profissional, haja vista que mesmo dentro do “*Apoia-se*” os/as produtores/as apresentam algumas formas de recompensa para apoiadores/as, como conteúdos exclusivos e postagens que são feitas antes dos vídeos oficiais para o *YouTube*. Posteriormente, iremos perceber que tais características diferem bastante das maneiras de sustentabilidade econômica apresentadas pela professora Débora Aladim.

Voltemos agora para a análise do assunto central do artigo, refletindo a alocação do conteúdo e da composição do cenário construídos pelo professor. Em relação a esses elementos, é possível ver que o educador grava sua aula em um ambiente bastante casual, numa espécie de sala de estar. Podemos ver atrás de seu corpo, uma estante com uma TV sobreposta, dois quadros artísticos na mesma parede do fundo. Essa escolha visual acaba dando um tom mais informal e, nesse aspecto, também mais acolhedora, diferindo-se, portanto, do ambiente mais tradicional de uma sala de aula convencional. O que pode ser visto como uma maneira de chamar a atenção de seu público, no sentido de apresentar um conteúdo mais dinâmico, de forma mais dialógica em relação ao espaço escolar em que as/os estudantes estão habituadas/os. Além disso, na edição da aula o professor se utiliza de recursos didáticos como: imagens e

**HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE
A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI**

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

mapas para situar as relações econômicas e políticas mencionadas; apresentação de datas para estabelecer marcos temporais e promover noções de espaço e tempo; e, principalmente, legendas de síntese que sistematizam e fixam os tópicos trabalhados ao longo da explanação.

O título da videoaula é *História geral: América espanhola* [Do professor Rennó] e, como indicado anteriormente, tem pouco menos de uma hora. Já com o título podemos perceber o uso de uma divisão historiográfica mais comum e bem frequente nas escolas brasileiras: a separação entre História Geral e do Brasil (GUARINELLO, 2010). É importante lembrar que a ideia de História Geral soa como se ela apresentasse ocorridos históricos em todo o mundo, sendo que na prática, com certa recorrência, ela tende à dedicar-se principalmente à História da Europa Ocidental, e em menor proporção a assuntos relacionados à África ou à América, o que ainda pouco ou quase nunca acontece¹⁷. No caso analisado, no entanto, o professor situa o conteúdo relacionado à conquista colonial e ao estabelecimento do projeto colonial espanhol no que veio a ser a América como História Geral e não como História da América, que poderia ser também uma possibilidade de alocação do conteúdo, e que também manteria sua inserção nesse escopo geral. Tal abordagem se dá porque a conquista espanhola é apresentada pelo professor como um assunto articulado a um fio condutor que direciona a/o estudante para a história da Espanha no século XV. O contexto das experiências societárias vividas no continente americano aparece aqui, portanto, de forma reduzida e apenas a partir de sua relação com a História da Europa ocidental e seus conflitos.

Ao percebermos que conquista colonial é abordada a partir de uma narrativa que vem da Europa para a América, observamos que houve pouco espaço para contextualizações sobre as sociedades indígenas no Caribe ou no continente que vivenciaram essa experiência inicial da conquista, com exceção da explicação oferecida sobre a *mita*, que é situada como uma prática de arregimento para o trabalho que já era existente no contexto andino pré-colonial. O professor Rennó prioriza uma reflexão sobre as dimensões políticas e, principalmente, econômicas desse processo, e esse enfoque nos é revelado, por exemplo, pelos debates sobre as motivações

¹⁷ Quanto a isso, pensamos que seria mais interessante lembrarmos dos debates da *Global History*, perspectiva que se propõe a pensar as relações e conexões do mundo enquanto objeto de pesquisa, questão cada vez mais importante dentro de um mundo globalizado, mas sem, todavia, reforçar uma falsa ideia de que está estudando ou refletindo sobre o mundo de maneira integral.

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

políticas relacionadas ao mercantilismo, pelas explanações sobre a base, estrutura ou pirâmide socioeconômica que configura a sociedade colonial e pela explicação detida de instituições, como a já mencionada *mita* e também a *encomienda*.

Como podemos perceber, na proposta construída é dado um enfoque no tema das motivações econômicas dos espanhóis para a empreitada colonial, explorando o entendimento sobre o mercantilismo europeu e estabelecendo comparações desse processo, principalmente, entre a colonização espanhola e portuguesa nas Américas. Nesse sentido, Rennó sugere que seus/suas alunos/as reflitam a partir dessas comparações, mostrando aos/às estudantes, mesmo que sem maior desenvolvimento, que é possível fazer esse exercício comparativo em relação a tal conteúdo, o que avaliamos ser uma estratégia bastante positiva e que engrandece o entendimento desse processo.

Outro elemento que nos interessa na análise é como o professor narra este primeiro contato entre nativos e europeus. Observamos que ele explora um debate historiográfico importante: entender o motivo da vitória dos espanhóis mesmo diante de condições numericamente desfavoráveis. Rennó narra a vitória desses colonizadores sobre os nativos de maneira analítica, mencionando diferentes elementos para a explicação do assunto, como por exemplo, a vantagem oferecida pelo uso de armas de fogo e da pólvora, as alianças com etnias rivais, e, de forma mais rápida, as doenças trazidas pelos europeus, que são apresentadas como relevantes para a debilidade da população nativa. Dando ao tema o tom de complexidade necessária, o professor constrói um conceito bem interessante de História, ao se utilizar de hipóteses diferentes para explicar uma mesma questão, o que é extremamente importante para oferecer a aqueles/as que o assistem uma visão da História enquanto construção narrativa, passível de mudanças e reelaborações, e não como uma ciência pronta e imutável.

Notamos que professor também demarca a sua compreensão de que houve um genocídio indígena provocado pelos espanhóis nesse momento. Fazemos questão de mencionar tal fato, haja visto nosso interesse na construção de uma *consciência histórica*¹⁸ engajada e

¹⁸ Aqui nos utilizamos do conceito de *consciência histórica* proposto por Luiz Fernando Cerri (CERRI, 2011, p.13-14), que se refere a maneira com que as sociedades se relacionam com o tempo e com seu próprio passado, dentro das ideias de passado, presente e futuro.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

comprometida com a defesa dos direitos humanos, a fim de que as experiências de subjugação e inferiorização das populações indígenas nas Américas, que ainda fazem parte do tempo presente, possam cessar. Apesar da exposição dessa constatação, observamos que o professor não se detém a desenvolver as noções de superioridade étnica e religiosa que fizeram parte desse processo, chegando próximo de equalizar as relações de subordinação que existiam entre nativos antes da conquista colonial às que a sucederam, questão que pode ser observada na frase que sintetiza a reflexão proposta sobre o genocídio na videoaula, que é uma reprovação sobre a existência de uma exploração “do homem pelo homem”, sem aprofundar sobre quais bases essa exploração específica se deu.

Nesse sentido, ao priorizar a explicação da conquista como processo de continuidade da história da Europa e ao priorizar a abordagem econômica e a agência dos colonizadores na narrativa empreendida, podemos observar uma prevalência do que podemos chamar de “visão dos vencedores”, carecendo de menções mais substanciais sobre visões, personagens ou resistências/negociações indígenas importantes nesse contexto de conquista e de consolidação colonial espanhola. Para essa crítica nos baseamos em algumas reflexões do mexicano Miguel León-Portilla, que em alguns de seus livros clássicos, como *A visão dos vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas* (1985) e *A conquista da América vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas* (1987), propõe uma discussão que problematiza as visões sobre a conquista e prioriza a seleção e o estudo crítico de documentos que trazem elementos das interpretações indígenas desse processo. Outra obra clássica e de grande importância para se entender o transcurso da chegada dos espanhóis ao continente é *A Conquista da América* (1999), de Tzvetan Todorov, onde se discute a importância da interação social e a dinâmica comunicacional entre populações indígenas e espanholas nesse momento. Figuras históricas e decisivas nesse contexto, como Colombo, Montezuma, Cortés e Malinche, por exemplo, são analisadas a partir de suas capacidades de estabelecer estratégias de comunicabilidade nesse processo, entendidas pelo autor como questão fundamental da vitória dos espanhóis. Algumas características comuns a essas obras são a observação do repertório cultural que conduzia esses sujeitos, os conflitos de mundo que resultam da interação de tais repertórios e as agências que

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

resultaram dessa dinâmica. A conquista é explicada também pela assimetria existente nessa convivência.

Mesmo que o professor não apresente a bibliografia que embasa seu roteiro da aula, para cotejar as reflexões desses autores com as discussões desenvolvidas pelo professor, podemos tomar emprestado as ideias de Homi Babba (1949), partindo da interpretação de Everardo Paiva e Nivea Andrade (2016), no sentido de entendermos que o conhecimento produzido pelo professor Rennó habita um ambiente de fronteira dentro de uma relação com a vivência do docente, suas leituras e visões de mundo, com as experiências de seus espectadores e com o conhecimento produzido na Universidade. Portanto, um *entrelugar* do conhecimento que é mais plural, inclusivo e democrático, isto é, não é apenas acadêmico, mas também não é exclusivamente escolar.

Finalmente, iremos tratar de alguns pontos que interpretamos como ausências nas escolhas realizadas pelo educador. Podemos começar pelo fato de que dentro da aula, em momento algum o professor constrói reflexões que pensam outros objetos de estudos para a História, como por exemplo, a participação das mulheres dentro da conquista e na estruturação da sociedade colonial. Obviamente, não estabelecemos aqui um julgamento de valor, no sentido de acusarmos o professor de ser negligente acerca destes temas, mas sim o pensamos como uma maneira de refletir acerca da cultura histórica escolar brasileira, onde percebemos, sobretudo a partir do vídeo analisado, que contribuições como as produzidas no campo da História das Mulheres ainda necessitam de lugares mais sólidos nos espaços que se propõem discutir História para [e com] o grande público, a exemplo da escola e de canais de História no *YouTube*, muitos dos quais ainda construtores de narrativas de tendência androcêntrica. Outra ausência que ressaltamos trata-se do pouco estabelecimento de relações com o tempo presente, que pudessem propor reflexões críticas ou conexões com realidades sociais, culturais, econômicas e religiosas. Um exemplo interessante é a inexistência de observações sobre as relações étnicas entre nativos e demais povos na atualidade. Sabemos que os nativos americanos ocuparam e ocupam um espaço desigual, mas também, de lutas políticas e sociais, e tratar dessas questões permitiria diálogos mais sólidos com os problemas que estes povos vivem na atualidade,

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

inclusive na realidade brasileira¹⁹, e até mesmo, alargando o debate para uma perspectiva mais ampla que pudesse trazer diferentes contextos das Américas.

Podemos afirmar que as escolhas realizadas nessa videoaula, isto é, seus enfoques ou ausências, são a interação de diferentes demandas e objetivos que se constroem na relação professor e público. Podemos perceber, dessa maneira, que o conhecimento produzido para o *YouTube*, está longe de ser uma mera tradução daquilo estudado na academia, e que os/as professores/as que ali trabalham, assim como qualquer outro/a historiador/a, fazem suas próprias escolhas e recortes. No caso do professor Rennó, a prevalência de um público que realiza exames para ingresso no ensino superior, por exemplo, direciona seus enfoques e sua metodologia.

Agora que já tratamos da videoaula do professor Rennó, iremos então analisar a produção da professora Débora Aladim. Vale a pena mencionarmos que assim como a produção anterior, Aladim também fala para um público de discentes do ensino médio e alunos/as que já concluíram o ensino básico, mas que estão estudando para provas externas que dão acesso ao ensino superior brasileiro, como Enem e vestibulares. Dito isto, podemos então entender, inicialmente, a maneira com que seu canal se mantém em termos financeiros e também as questões mais técnicas acerca dos conteúdos ali presentes e suas ausências.

Nesse sentido, começaremos a análise pela descrição do vídeo. Nesta, Aladim faz propagandas de diversos produtos associados à sua imagem, como camisetas personalizadas com temas históricos e bordões do canal, bem como de cursos pagos acerca de temas educacionais que vão para além da História, como dicas de organização de estudos e produção textual com enfoque da redação do Enem. Podemos então supor que em termos de arrecadação monetária, Aladim apresenta mais possibilidades do que o professor Rennó, visto que seu canal e sua imagem são postos de maneira semelhante a uma marca, uma empresa, no sentido de que oferece produtos físicos e não físicos, além de suas produções educacionais. Outro fato

¹⁹ Um exemplo disso é a questão do marco temporal com relação as terras indígenas no Brasil, que embora seja posterior à produção do vídeo, tampouco é o único exemplo de ameaças aos direitos sociais e territoriais dessas populações no Brasil. Sobre essa questão ver: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/27/o-que-e-o-marco-temporal-sobre-terras-indigenas-entenda-o-que-esta-em-jogo-no-julgamento-do-stf.ghtml>. Acesso em: 08 ago. 2022.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

importante é que a professora também apresenta um grande número de seguidores/as em suas redes sociais, principalmente no *Instagram*, que também deve ser enxergado como uma fonte de renda, principalmente se levarmos em conta que a mesma realiza propagandas publicitárias para empresas privadas do setor da educação, como é o caso do Colégio Farias Brito²⁰, escola brasileira que se destaca em números de aprovações em provas que dão acesso à universidade. Essa empresa-escola possui características elitistas, visto que apenas uma pequena parcela da sociedade brasileira tem condições financeiras para pagar seus serviços educacionais, em razão das altas mensalidades e dos altos custos com materiais escolares necessários.

Nesse momento nosso/a leitor/a poderá se perguntar se o professor Rennó não se utiliza do *Instagram* como ferramenta de trabalho assim como Aladim, e a resposta é que sim. Notamos, no entanto, que há significativa diferença entre os dois, pois, enquanto o primeiro dispõe de 41 mil seguidores²¹, a segunda possui 1 milhão e 300 mil²². Outro fato é que as atividades de publicidade feitas por Rennó são patrocinadas apenas por pequenas editoras que não possuem um mercado editorial tão forte como o caso da publicidade feita por Aladim²³, e, portanto, menos impacto com relação à geração de receita. Deixando bem claro a tese anterior de que Débora Aladim se aproxima muito mais de uma marca ou conceito, no sentido de vender sua própria imagem e produtos associados à ela, do que Rennó, que se encontra dentro de um nicho mais específico de atividades educacionais.

Colocadas essas considerações, retornemos à análise da videoaula. Quanto às características como cenário, metodologia desenvolvida na elaboração e edição do vídeo, bem como a utilização de recursos materiais, como imagens, áudios/sons, outros vídeos, encontramos uma produção que difere bastante do que analisamos primeiramente. A diferença mais significativa está no fato de que a educadora grava sua produção sobre a conquista colonial dentro de espaços históricos pré-colombianos, como o centro urbano Teotihuacan, e na que foi a capital do império asteca, Tenochtitlán, na atual Cidade do México. A utilização dessas

²⁰ Ver a publicação na íntegra: <https://www.instagram.com/p/CcglbuqLUQh/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.

²¹ Informações retiradas do próprio *Instagram*: <https://instagram.com/opedrorenno?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.

²² Ver em: <https://instagram.com/opedrorenno?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.

²³ Ver em: <https://www.instagram.com/p/CXmSp1nvuoT/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

estratégias, como construir uma aula pública em lugares históricos e/ou pontos turísticos, pode ser uma ferramenta extremamente importante para atrair a atenção de participantes, tanto em sala de aula, como fora dela. Essa estratégia é regularmente utilizada no canal da professora, onde diferentes conteúdos são abordados *in loco*, isto é, em lugares²⁴ importantes ou simbólicos dos conteúdos históricos abordados. Nesse sentido, evidentemente, devemos levar em conta a necessidade de recursos financeiros para a execução de um projeto desta categoria, ou seja, que possa custear gastos como os de viagens, materiais técnicos e didáticos.

Ainda pensando a relação entre educação e recursos financeiros, vale a pena contextualizarmos que o Estado Brasileiro está longe de ser um exemplo de incentivo à ciência, pesquisa e educação. São muitos os estudos e reportagens que revelam a inconstância ou o descaso do governo brasileiro para com estas categorias. Podemos começar pelo fato de o Brasil ser considerado o país com o salário mais baixo do mundo para professores da educação básica (RAMOS, 2021), e também, pelo desmazelo com organizações de fomento à pesquisa, como CAPES e Cnpq. Ou ainda, pelo valor pago pelas bolsas de pesquisas em pós-graduação, como no caso do mestrado, em que são pagos apenas 1.500 reais líquidos, sem nenhum direito do ponto de vista do trabalho, ou benefícios como vale alimentação, moradia ou transporte. Portanto, podemos perceber que é extremamente difícil apresentar novas dinâmicas de produção educativa como as trazidas por Aladim, que possivelmente usou de recursos próprios para a construção de sua aula.

No que se refere ao uso dos recursos, podemos observar que Aladim utiliza um total de 18 imagens, enquanto o vídeo de Pedro Rennó encontramos apenas 5²⁵, apresentando pinturas de sacrifícios feitos por povos pré-colombianos, além de, dentro de seus recursos narrativos, se utilizar de datas e indicações que situam os processos no tempo, como por exemplo “em 1519 os espanhóis tiveram o primeiro contato com os astecas” (ALADIM, 10’, 45’’). Também destacamos que ela discute a concepção de tempo cíclico vivido pelos astecas, e faz isso de forma um tanto problematizada, apresentando tal como uma das possibilidades de explicação

²⁴ No seu canal encontramos uma série de vídeo denominada “História do Brasil pelo Brasil”, onde a mesma grava videoaulas em pontos históricos de todo o país. Ver em: <https://youtu.be/75bDvwYANj0>.

²⁵ Dentro de nossa contagem consideramos por “imagem” apenas pinturas e fotos que não possuíam movimentos.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

para a derrota dos indígenas durante a conquista liderada por Hernán Cortés. Nesse aspecto, a professora se aproxima bastante de análises desenvolvidas por Todorov (1999), o qual discute a importância das cosmologias e do repertório cultural dos astecas nas interpretações que seus líderes, destacadamente Montezuma, fizeram sobre a interação que estabeleceram com os homens brancos. No entanto, mesmo que possamos encontrar essas possíveis interlocuções, identificamos que a professora tampouco apresenta suas referências bibliográficas, questão também notada para o caso da videoaula do professor Rennó.

A narrativa feita pela professora não se limita a pensar o contexto ou a agência espanhola nesse processo, explorando e destacando aspectos importantes da realidade mesoamericana daquele momento, principalmente o papel destacado do império asteca na região. Desse modo, a professora traz análises que tratam da cultura e da cosmologia asteca, por exemplo, apresentando o tema dos ritos e sacrifícios animais e humanos, suas relações com os deuses e suas explicações sobre o surgimento do mundo. Apesar disso, assim como no primeiro analisado, também apresenta uma centralidade nas dimensões políticas e econômicas que envolvem a dinâmica da conquista colonial. É possível interpretar que esses enfoques não se dão apenas pelo desejo ou por escolhas livres do/a professor/a, mas pelas demandas relacionadas ao seu público, especialmente, sobre aquilo que segue sendo cobrado nos exames vestibulares.

Apesar disso, um aspecto que merece destaque é que a autora nos apresenta um constante diálogo com o tempo presente, abordando elementos da cultura mexicana contemporânea e estabelecendo uma relação temporal entre passado e presente. Deixando claro, sobretudo, como a cultura asteca se encontra presente na cultura mexicana atual por meio da cultura [dita] popular, das crenças religiosas e em diferentes relações sociais do país. Nesse sentido, podemos dizer que Aladim apresenta um diálogo mais forte com o presente do que o vídeo analisado anteriormente, e essa relação oferece ao seu público uma percepção da História como uma ciência que nos faz entender questões da atualidade.

Se no trabalho de Rennó questionamos a ausência de alguns elementos, como a participação feminina, Aladim já o faz diferente. A professora apresenta a participação de

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Malinche²⁶ no processo de conquista dos astecas pelos espanhóis e como ela foi de extrema importância nas negociações entre estes e as populações nativas. Percebemos também que Aladim deixa bem claro o quão forte foi o genocídio indígena cometido pelos espanhóis, destacando isso no campo da cultura e da religião, e ao mesmo tempo apresentando aspectos de resistência às tentativas de dominação. Dessa forma, podemos afirmar que quanto a esses tópicos há significativas distinções nas abordagens adotadas pelo professor e pela professora.

Finalmente, como forma de sistematizar as observações, as análises e as comparações que estabelecemos neste artigo, construímos a tabela a seguir para sintetizar as principais diferenças e semelhanças entre os dois vídeos, destacando as dinâmicas sociais, culturais e econômicas em que estão inseridos/as, e a maneira como produziram narrativas e reflexões sobre o processo de conquista da América. Pudemos perceber, quando analisamos aspectos técnicos e contextuais dessas produções, que as duas videoaulas diferem entre si em alguns pontos, mas que se aproximam em outros, não sendo, portanto, elaborações opostas ou divergentes, mas que apresentam nuances e distinções nas escolhas relacionadas ao tema, deixando cada vez mais claro a complexidade do trabalho feito por docentes de História dentro de plataformas digitais.

Tabela 1 - Sistematização dos dados sobre as videoaulas e seus autores

²⁶ Malinche foi uma das mulheres dadas como forma de presente à Cortês, e passou a ganhar destaque por falar mais de uma língua nativa e de posteriormente também ter aprendido o espanhol. Foi, portanto, um dos principais intérpretes entre os espanhóis e os nativos durante a conquista do império asteca. Ainda hoje Malinche é uma personagem discutida e problematizada na história mexicana.

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

	Débora Aladim Canal Débora Aladim	Pedro Rennó Canal Parabólica
Título da videoaula	História Dos Astecas e chegada dos Espanhóis na América- Contada no México! (Débora Aladim)	História Geral: América Espanhola
Número de visualizações da videoaula analisada	231.368	289.861
Público-alvo/ prevalente	Discentes do ensino médio e vestibulandos/as	Discentes do ensino médio e vestibulandos/as
Duração do vídeo	18 minutos e 17 segundos	24 minutos e 53 segundos
Principais formas de financiamento do canal	Publicidade no <i>Instagram</i> , <i>YouTube</i> .	<i>Apoia-se; Instagram; YouTube.</i>
Diálogos e reflexões sobre o presente	Feito de maneira mais forte	Feito de maneira mais sutil
Número de seguidores/as no <i>Instagram</i>	1, 3 milhões	46 mil
Número de inscritos no canal do <i>YouTube</i>	3, 21 milhões	743 mil

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados na pesquisa para o artigo. A última consulta aos números de visualizações, seguidores no *Instagram* e inscritos no canal do *YouTube* foram realizadas no dia 03/08/2022.

A partir desses dados, podemos compreender que o desafio de construção da História Pública e de outros exercícios de Didática da História segue mediado por relações estruturais de trabalho, de financiamento, de finalidades da educação, e, também, por dinâmicas de interação, divulgação e mediatização das relações sociais que se consolidaram no tempo presente, tais como a centralidade de plataformas como o *YouTube*. Analisar videoaulas de grande alcance e considerando tais questões nos ajuda a melhor situar as escolhas, as ênfases,

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

as diferenças e aproximações entre quem as produziu, mas também, o modo como a História tem sido apropriada, pensada e construída nesses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um debate teórico sobre História Pública e Didática da História, à análises de vídeos de História da América no *YouTube*. Neste artigo podemos perceber que a História, dentro de seus sentidos, ofícios e utilidades é plural, e que a dicotomia entre pesquisadores/as universitários/as e professor/a (produtor-consumidor de conhecimento) do ensino básico já está ultrapassada no que diz respeito a maneira de pensar o espaço profissional e intelectual do historiador/a assim como as diversas possibilidades de autoridades propostas pela História Pública, isto é, de que um/a produziria e o/a outro/a reproduziria/consumiria conhecimento histórico. Precisamente por isso, entendemos que a História não pertence à academia, e que é nosso dever, enquanto intelectuais preocupados/as com a construção de um espaço democrático, lutar para construir uma história pública sem hierarquização de saberes, onde o conceito de *Authority Shared* [Autoridade compartilhada] funcione de maneira genuína, e a partir de compromissos éticos e políticos com a veracidade, o pluralismo e a democratização do saber.

Desse modo, buscamos argumentar que a classificação “divulgador/a científico/a” é apenas uma parte das operações possíveis dentro da história pública, e ainda que devemos direcionar nosso olhar de maneira crítica para tal denominação, no sentido de enxergá-los/as como produtores/as de conhecimento, e não apenas como tradutores/as de produções acadêmicas. Tais reflexões também são observáveis em nossa análise acerca videoaulas da professora Débora Aladim e Pedro Rennó, onde encontramos ideias plurais que vão além do conhecimento produzido por acadêmicos/as, mas se utilizam de recursos, exemplos, conexões, e linguagens que vão muito além desse espaço. Esperamos que este artigo possa contribuir com aqueles/as que pretendem pesquisar sobre o tema, assim como para aqueles/as que trabalham no sentido de democratizar o conhecimento e lutar por uma sociedade onde as massas possam se enxergar dentro da História, tanto como sujeitos quanto como produtores/as.

Com essa pesquisa concluímos que o tema “A conquista da América nos séculos XV e XVI” é tratado de maneira plural e democrática. Este artigo faz parte de uma coletânea de artigos intitulada **HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI**.

Revista *Homem, Espaço e Tempo*, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

XVI” tem sido pensado e apresentado dentro do *YouTube* Brasil e podemos ver como professores/as fazem um bom trabalho no sentido de democratização do conhecimento histórico, percebendo também que determinadas abordagens históricas ainda prevalecem sobre outras e que esses/as comunicadores/as estão marcados/as por limitações econômicas e sociais como qualquer outro/a profissional que atue fora das redes e plataformas digitais.

90

REFERÊNCIAS

ALADIM, Débora. **História dos Astecas e chegada dos espanhóis na América - Contada no México**. Youtube, 04 dez. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/mh8xlyNFPCI>. Acesso em: 08 ago. 2022.

ALMEIDA, Juliene R. de; ROVAI, Marta G. de O. (orgs.) **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ANDRADE, Everardo P.; ANDRADE, Nívea. **História pública e educação: tecendo uma conversa, experimentando uma textura**. In: ALMEIDA, J. R; MAUAD, A. M; SANTHIAGO, R.(Org). *História Pública no Brasil: Sentido e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 175-185.

CERRI, Luis F. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FRISCH, Michael. **A história pública não é uma via de mão única, ou, De A shared Authority à cozinha digital, e vice-versa**. In: ALMEIDA, J. R; MAUAD, A. M; SANTHIAGO, R.(Org). *História Pública no Brasil: Sentido e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-71.

Isto é. Comer do lixo, o drama da fome dos venezuelanos mais pobres. **Isto é**, 08 mar. 2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/comer-do-lixo-o-drama-da-fome-dos-venezuelanos-mais-pobres/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

G1. O que é o marco temporal sobre terras indígenas: entenda o que está em jogo no julgamento do STF. **G1 – Política**, 27 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/27/o-que-e-o-marco-temporal-sobre-terras-indigenas-entenda-o-que-esta-em-jogo-no-julgamento-do-stf.ghtml> Acesso em: 08 ago. 2022.

GUARINELLO, N. L. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. **Politeia - História e Sociedade**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3935>. Acesso em: 08 ago. 2022.

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas**. Tradução de Augusto Ângelo Zanatta. - Petrópolis, Vozes, 1987.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**. V. 20, 2014, pp. 01-20. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tem/a/RsMtSYwQHdhb9vqYLRZQLw/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 08 ago. 2022.

LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno L. P de. **História digital**: remédios, experiências e perspectivas. In: ALMEIDA, J. R; MAUAD, A. M; SANTHIAGO, R.(Org). **História Pública no Brasil: Sentido e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 149-165.
QUEIROGA JÚNIOR, Tarcísio M. de. **Youtube como plataforma para o ensino de História**: na era dos 'professores- youtubers'. Trabalho de conclusão de curso na graduação em História Licenciatura – Universidade Federal Da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

RAMOS, Raphaela. Professores brasileiros têm salário inicial mais baixo entre 40 países, diz OCDE; veja lista. **Jornal o Globo**, 16 set. 2021. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/professores-brasileiros-tem-salario-inicial-mais-baixo-entre-40-paises-diz-ocde-veja-lista-25199835> Acesso em: 08 ago. 2022.

RENNÓ, Pedro. **História geral, América espanhola**. Youtube, 21 nov. 2018. Disponível em:
https://youtu.be/Wk0_iydV5qo. Acesso em: 08 ago. 2022.

SANTHIAGO, Ricardo. **Dois palavras, muitos significados**: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: ALMEIDA, J. R; MAUAD, A. M; SANTHIAGO, R.(Org). **História Pública no Brasil: Sentido e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 23-37.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HISTÓRIAS NO YOUTUBE: HISTÓRIA PÚBLICA E DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM VIDEOAULAS SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XV E XVI

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 16, volume 2, p. 64-91, Ago-Dez/2022.

ISSN: 1982-3800